

“Não sei se dará tempo”: notas sobre a publicação de Memórias de um colono no Brasil pela Coleção Biblioteca Histórica Brasileira (1931-1940)

RAFAEL PEREIRA DA SILVA*

No final da década de 1930 um conjunto de esforços realizados por intelectuais modernistas deu início a uma série de publicações de textos raros que tinham entre outras características a de documentar o Brasil, contribuindo dessa forma, nos debates sobre a identidade nacional. Nesse contexto surgiu a Biblioteca Histórica Brasileira. O diretor da coleção foi o bibliófilo Rubens Borba de Moraes.

A Biblioteca contou com uma rigorosa seleção de títulos “lindamente impressos”, em traduções fiéis e integrais, revistas e devidamente anotadas por especialistas. A Coleção adquiriu tamanha importância, que além dos cerca de 7 mil exemplares vendidos no primeiro ano, teve seu índice completo publicado na Revista do Instituto Nacional do Livro no final dos anos 60. Suas publicações encerraram-se em fins dessa mesma década, para mais tarde serem reeditadas nos anos 80 pela editora Itatiaia de Belo Horizonte¹.

Nesse contexto, o empenho e a amizade de importantes intelectuais como Sérgio Milliet, tradutor de Rugendas, primeiro volume da Coleção, Affonso Arinos de Mello Franco, Sérgio Buarque de Holanda, José Honório Rodrigues, dentre outros, foram fundamentais para que se desse vida a esse projeto editorial e historiográfico, que além da tradução de relatos e memórias de viajantes, seria complementado com a localização de documentos inéditos referentes ao Brasil.

O quinto volume² foi Memórias de um colono no Brasil, do imigrante suíço Thomas Davatz. O livro, raro na avaliação de Rubens Borba de Moraes era pouco

* UNICAMP, Doutorando em História, Mestre em História Cultural pela UFSC, bolsista do CNPq.

¹ HALLEWELL, Laurence. O livro no Brasil: sua história. 2.ed. EdUSP, 2005. p. 502.

² A coleção publicou os seguintes títulos: Viagem pitoresca através do Brasil, de Rugendas; Viagem a Província de São Paulo, de Auguste de Saint-Hilaire; Reminiscências de viagem, de Danil Kidder; Viagem pitoresca e histórica ao Brasil, de Jean-Baptiste Debret; Memórias de um colono no Brasil, de Thomas Davatz; Brasil Pitoresco de Charles Ribeyrolles; Viagem a terra do Brasil de Jean de Léry; Dez anos de Brasil de Carl Sedler; Memorável viagem marítima, de Joan Nieuhof; Notas sobre o Rio de Janeiro de John Luccock; Viagem as missões jesuíticas do Padre Antônio Sepp von Rechegg; Imagem do Brasil de Frans Post; Os caduveos de Guido Boggiani; História das missões dos padres capuchinos, de Calude D'Abbeville; Notícia do Brasil de Gabriel Soares de Souza; História da guerra Rio e Buenos Aires e Galeria dos Brasileiros Ilustres de S.A Sisson.

conhecido entre os estudiosos e intelectuais da época. Foi o amigo Yan de Almeida Prado quem o fez circular no “pequeno mundo” intelectual, já que possuía “o único exemplar conhecido no Brasil e teve a generosidade de permitir que dele nos utilizássemos para esta edição”³. Desse modo, é importante ressaltar como essa obra ecoou entre os amigos modernistas. Lido também por Mário de Andrade, a obra repercutiu na imprensa paulista através de duas crônicas publicadas no Diário Nacional no ano de 1931, nas quais é possível perceber de que maneira ela foi “digerida” pelo escritor.

Os apontamentos que busco esboçar nesta comunicação resultaram da leitura destas Memórias. Desse modo, o recuo no tempo possibilitou acompanhar alguns momentos que anteciparam a publicação do livro no Brasil, numa espécie de antecena, de onde observou-se a complexidade da organização deste volume da coleção. Através das impressões de leitura publicadas na imprensa por Mário de Andrade, bem como de uma pequena sequência de cartas recebidas por Sérgio Buarque entre 1939 e 1940 foi possível perceber minúsculos fragmentos das imensas dificuldades e esforços despendidos por esses intelectuais na concretização de um projeto editorial.

Agora, é não desanimar!(...)Mário de Andrade encontra Davatz

Mário de Andrade estreou no Diário Nacional em 20 de agosto de 1927. O escritor publicou seus textos até 25 de setembro de 1932, quando o periódico foi fechado. O jornal, de oposição ao Partido Republicano Paulista era ligado ao Partido Democrático e encabeçado por integrantes da Semana de 22. Quem respondia por sua gerência era Sérgio Milliet sob o pseudônimo de Sérgio da Costa e Silva, além do redator-chefe Antonio Carlos Couto de Barros. A direção no início ficou a cargo de Paulo Nogueira Filho. Em 1929 Paulo Duarte, membro do Partido Democrático, juntou-se ao grupo para dois anos mais tarde assumir a direção do periódico⁴.

³ MORAES, Rubens Borba de. Apresentação. In: DAVATZ, Thomas. Memórias de um colono no Brasil. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1941. p. 3.

⁴ LOPEZ, Telê Ancona. Introdução. In: ANDRADE, Mário de. Taxi e Crônicas no Diário Nacional. São Paulo: Duas Cidades: Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976 p. 16. Sobre esse período de fundação do jornal, bem como de sua ligação com o Partido Democrático é muito reveladora a entrevista realizada por Marco Aurélio Andrade de Filgueiras Gomes com Rubens Borba de Moraes em 15 de agosto de 1982. Ver a entrevista em: www.portalseer.ufba.br/index.php/rua/article/download/3139/2255.

Como já mencionado, foi das mãos de Yan de Almeida Prado que o livro de Thomas Davatz se tornou conhecido entre os modernistas, e delas Mário de Andrade o recebeu, para em alemão lê-lo, e sobre ele tecer dois artigos.

O primeiro publicado em 9 de agosto de 1931, expunha o conteúdo geral da obra, considerando o livro “uma das informações mais interessantes sobre a colonização teuto-suíça tentada pelo senador Vergueiro”. Quanto a organização do livro, Mário de Andrade afirmava serem os dois primeiros capítulos bastante monótonos, os quais tratavam das condições gerais da província de São Paulo e das tentativas de colonização em substituição a mão de obra escrava. Por outro lado, “o que agrada um bocado é a íntima ingenuidade do narrador e o ar sincero de sua escrita, que por esses dois caracteres possivelmente se aproxima bem da verdade”.

Mário de Andrade deleitou-se com o tom de espanto do emigrante frente aos desmandos e abusos sofridos pelos colonos que descrevia as condições de vida dos trabalhadores, a burla dos contratos, os engodos pelos quais passaram, bem como os mecanismos de opressão que transformavam os trabalhadores formalmente livres em escravos brancos, fruto do endividamento resultante da viagem ao Brasil e das cadernetas de compras vinculadas aos armazéns sempre mais caros das fazendas.⁵

Em outra passagem, mencionando o relato sobre a agitação dos colonos de Ibicaba, Mário de Andrade ressaltava a continuidade dos métodos da velha política senhorial, que permaneciam semelhantes mesmo com a nova onda de emigração europeia, e referenciava o ponto alto da obra:

“Na descrição desse levante dos colonos contra seus opressores o livro se torna interessantíssimo: os processos mais perrepostos de opressão, de disfarce, de prepotência são utilizados contra os colonos e especialmente contra Davatz. Este é um ‘revolucionário’ ameaçado de morte com negrões assalariados esperando ele nas tocaias da noite; o pretexto dos colonos é desvirtuado como um novo Palmares perigosíssimo”⁶.

⁵ As informações referentes a essa comunicação podem ser conferidas em: ANDRADE, Mário de. *Agora é não desanimar!...*In: *Taxi e Crônicas no Diário Nacional*; introdução e notas de Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades: Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976. p. 409-411; e, COHEN, Ilka Stern. *Thomas Davatz revisitado: reflexões sobre a imigração germânica no século XIX*. In: *Revista de História*. n. 144, 2001. p. 181-211.

⁶ ANDRADE, Mário de. *Agora é não desanimar!...*In: *Taxi e Crônicas no Diário Nacional*; introdução e notas de Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades: Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976. p. 410. Vale ressaltar que a passagem aqui citada é apontada por Ilka Cohen como sendo do segundo artigo publicado por Mário de Andrade no dia 16 de agosto. Fica, portanto, o registro de que tal passagem é de fato do primeiro artigo.

Desse modo, Mário de Andrade evidenciava toda uma visão negativa do sistema de colonização instituído pelos fazendeiros paulistas no século XIX, contrariando a visão oficial de parcela da elite paulistana à qual se opunha. Pesquisadoras como Ilka Cohen e Telê Ancona Lopez enfatizam que os comentários de Mário de Andrade provocaram reações nos altos setores da sociedade, pois, na semana seguinte, ele iniciava seu escrito com uma explicação irônica:

“O interesse apenas de cronista, pelas anedotas que tinha a relatar, me fizeram esquecer que sem ressalva alguma de minha parte o relato iria ferir o sentimento daqueles que guardam com justiça a memória do velho paulista (...) está claro que com meu artigo de domingo passado não tive a mínima intenção de chocar o sentimento de ninguém. Nem mesmo de diminuir as benemerências do senador Vergueiro (...) quis foi dar conta de um livro que poucos conhecem, cujo valor é inegável para nós e cujas anedotas divertiam. Mas que a verdade dele seja incontestável, não posso afirmar”⁷.

Para Lopez os títulos dos textos publicados por Mário de Andrade são bastante significativos e reveladores de uma ironia própria do autor no trato do conteúdo do livro. No primeiro artigo cuidava da apresentação de uma obra rara do século XIX e ao relembrar os episódios, reescrevendo-os deixava nas reticências do título de sua crônica uma referência velada à opressão que acreditava ainda existir em São Paulo.

No segundo, rebatendo certas acusações “Mário volta à carga, ‘Agora é não desanimar!’”, reduzindo a pontuação final a uma única e irônica exclamação, trabalhando o texto com a alternância de fontes retiradas do próprio livro. Após exposição das mesmas Mário de Andrade encerrava a crônica com afirmações que defendiam a causa do fazendeiro, “cuja memória não tive a intenção de desprestigiar, mas desprestigiava sem esta documentação a favor dele”⁸.

Desse modo, o livro de Thomas Davatz constituía não apenas outra mera descrição do Brasil pitoresco, mas antes abordava temas delicados como a opressão, os desmandos, as reações dos oprimidos, as relações de trabalho nos sistemas de parceria nas fazendas de café, aspectos certamente pouco confortáveis e principalmente pouco conhecidos pelo público leitor nacional da época. Tal foi a repercussão de Davatz que

⁷ ANDRADE, Mário de. Agora é não desanimar!. In: LOPEZ, op.cit., p. 413.

⁸ LOPEZ, op.cit., p. 47. As fontes utilizadas por Mário de Andrade foram as seguintes: uma carta do Dr. Hanser ao senador Vergueiro; uma declaração do mesmo Sr. Hanser ao diretor da fazenda, o senhor Jonas; e por fim, uma carta dos próprio colonos ao senhor Luiz Vergueiro, filho do senador.

Mário de Andrade pouco tempo depois o incluiu como uma das vinte obras que se deveria ler para conhecer o Brasil⁹.

De Rubens para Sérgio: trocas epistolares na antecena de um projeto literário

Nesta parte da comunicação gostaria de me ater a um pequeno grupo de missivas recebidas por Sérgio Buarque de Holanda. Antes porém de elencar alguns trechos é importante ressaltar os principais objetivos da coleção, que para Sérgio Milliet eram muito claros:

“A escrita de um Rugendas ou de um Debret assemelha-se antes à de um chefe de seção, em seus pobres relatórios, que à de um literato habituado ao valor das palavras e aos segredos da sintaxe. (...) Bem sei que se pode perguntar: por que então traduzir essas obras? Evidentemente do ponto de vista literário não haveria motivo algum para fazê-lo. Mas nem só de literatura vive o homem; ao contrário, cada vez menos vive dela. E cada vez mais de documentos, de dados objetivos, úteis à solução de seus problemas hodiernos”¹⁰.

Os apontamentos do escritor evidenciam a preocupação de publicar na coleção os registros produzidos pelos viajantes europeus levando-se em conta muito mais o espírito documental das obras do que o seu valor literário. Desse modo, além da continuidade das publicações da Biblioteca, interessava também ao grupo de amigos empenhar-se na busca de novas fontes, pois só através de sua análise criteriosa era possível reescrever a história do Brasil num contexto em que tradição e modernidade estavam em pauta nas discussões.

Na carta de 24 de janeiro de 1940 Rubens Borba de Moraes respondia ao amigo: “Sérgio, recebi sua carta hoje. Vamos por partes”. Em uma delas questiona o interlocutor sobre certa documentação histórica a ser trazida da França para o Brasil:

“Quanto ao manuscrito existente na Sainte-Geneviève, em Paris, não ha dúvida que convém mandar copiar. Convem tirar copia fotográfica e traduzir aqui. Escreva ao seu cunhado nesse sentido. É preciso, em primeiro lugar, saber o tamanho do manuscrito, preço da copia, etc para depois a gente providenciar o mesmo”¹¹.

⁹ COHEN, op.cit., p. 187-188.

¹⁰ MILLIET, Sérgio. Apud: COHEN, Ilka Stern. Thomas Davatz revisitado: reflexões sobre a imigração germânica no século XIX. In: Revista de História. n. 144, 2001. op.cit., p. 183.

¹¹ Carta de Rubens Borba de Moraes a Sérgio Buarque de Holanda, 24 de janeiro de 1940. Arquivo

Meses depois, o pedido de Rubens Borba de Moraes é atendido por José Augusto, cunhado de Sérgio que encontrava-se em Paris, e da sala da “secção de manuscritos da Bibliothéque de St. Geneviève”, no dia 6 de abril, redigia uma resposta ao parente. Na carta, além das intimidades descritas, mencionava a existência de documentos que interessavam ao historiador, dentre os quais, os manuscritos do viajante J. B. Douville, registrados de maneira bastante apurada:

“Imagine que apenas 20 ou 30 manuscritos, dos milhares que eles são, restam na Bibliothéque (...) Pois bem, entre os 20 ou 30 que ficaram, encontram-se o seu Douville. Consta de 137 folhas, das quaes 114 escritas no verso, (...) a escritura está nítida e não terei maiores dificuldades em decifrá-la. Cada pagina consta de uma média de 37 linhas e cada linha tem a media de 12 palavras. (...) As primeiras linhas em que o autor explica a briga que teve com o consul do Brasil em Portugal, devido a este ter se negado a visar seu passaporte para a Baía, enquanto não lhe fosse apresentada caução provando que Douville não era mendigo, vale um poema. (...) Percebi também que o livro tem explicações longas de medicina e das drogas indígenas e transcreve muitas cartas escritas e recebidas pelo outro no Brasil, de figuras de projeção nacionais e da França da época. O livro já começa no capítulo 3 mas ele é que interessa pois registra preparativos de viagem da Europa para a América do Sul. As viagens do narrador são pela Baía, adjacências de Ilheus até nascentes do rio Itahipe”¹²

Essas observações expõem a importância fundamental que os documentos tinham para a constituição de uma narrativa histórica nacional. Note-se ainda, que a barreira da língua não se constituía em empecilho a esses homens de letras e a “facilidade” em decifrar as informações contidas nas 137 folhas do documento trariam informações preciosas sobre a expedição do viajante francês pela América do Sul e pelo Brasil, em especial sobre os usos da medicina indígena e as descrições geográficas de rios da região da província da Bahia e adjacências, temas tratados por Sérgio Buarque em trabalhos posteriores, como *Monções e Caminhos e Fronteiras*¹³.

Em outra missiva enviada por José Augusto a Sérgio Buarque, o tema das fontes é novamente mencionado. Desta vez a resposta vinha de Lisboa em 16 de outubro de 1940:

Central Unicamp. Nas próximas referências os nomes serão abreviados. Por opção minha, os trechos citados permanecerão conforme aparecem nas cartas.

¹² Carta de José Augusto Cesário Alvim a SBH, 6 de abril de 1940.

¹³ Jean Baptiste Douville (1794-1837) além de ter feito expedições pela África, Índia, esteve em outras partes da América do Sul e no Brasil por volta de 1826 e 1827. Sua morte no rio São Francisco em 1837 é narrada pelo doutor G. Gardner no livro *Travels in the Interior of Brazil* publicado em 1846.

“Meu caro Cunhado e Professor,

Estive hoje no Arquivo Colonial com o Dr Múrias¹⁴ que é um desses portugueses que até parecem brasileiros- é (...) interessantissimo no bate papo. Elogiou o seu livro¹⁵, (...) no Taunay, no Rodolpho Garcia etc...Colocou logo todo o arquivo à minha disposição. Há lá coisas de 1ª ordem e inéditos. Quasi todos os papeis referentes à história colonial nos seculos XVI, XVII e XVIII (...)Quando eu cheguei o Dr Múrias estava justamente examinando o processo de fundação do Convento N. S. da Ajuda, no Rio de Janeiro e verificando que quem o fundou foi a mulher de um Bezerra de Menezes que foi governador no Rio (...)Ando tambem atraz do seu capitão Lorena¹⁶. Logo que encontre as memórias desse malandro, ecreverei a respeito para você (...)”¹⁷.

As formas de obtenção dessas fontes baseavam-se numa rede de relações pessoais e intelectuais, cujo objetivo comum era a prática historiográfica. De Paris ou de Lisboa, o que importava era trazer ao Brasil tudo o que lhe dissesse respeito. Nesse sentido a publicação de Memórias de um colono no Brasil é emblemática, pois na apresentação da obra afirmava seu diretor: “pedimos a Sérgio Buarque que o traduzisse, prefaciasse e anotasse e, êle, com verdadeira consciência de historiador, descobriu os documentos inéditos que publicamos em apêndice e que são do mais alto interesse para o histórico da famosa revolta dos colonos de Ibicaba”¹⁸.

¹⁴ Possivelmente trata-se de Manuel Múrias (1900-1960) um dos mais significativos nomes da segunda geração do Integralismo Lusitano, que abraçou ainda estudante na Faculdade de Letras de Lisboa (curso de Filologia Românica). Destacou-se como publicista, enquanto director da Nação Portuguesa (cargo onde sucede a António Sardinha) e nos jornais *A Voz e Época*. Dirigiu posteriormente vários órgãos ligados ao movimento monárquico e ao Estado Novo, como a *Revolução Nacional*, o *Diário da Manhã* e o semanário *Acção*. Foi director do Arquivo Ultramarino e deputado na Assembleia Nacional. Como historiador, dedicou-se especialmente ao período de ouro dos séculos XV a XVII e ao tema da expansão ultramarina. A sua grande obra neste campo é a “História da Expansão Portuguesa no Mundo” (3 vols.). Foi um dos nomes que mais contribuíram para afirmar a visão da “História da Expansão” ligada ao Estado Novo, com as suas obras escritas em estilo popular, divulgadoras mais que inovadoras, fortemente patrióticas e nacionalistas. (in: Dicionário Cronológico de Autores Portugueses, Vol. IV, Lisboa, 1997. Acessado no site: <http://forumpatria.com/cultura-e-patrimonio-portugues/manuel-murias/> em 01 de março de 2011 às 15h51 min.

¹⁵ O livro em questão é “Raízes do Brasil”, publicado em 1936, abrindo a coleção Documentos Brasileiros da editora José Olympio, dirigida no início por Gilberto Freyre e mais tarde por Otávio Tarquínio de Souza.

¹⁶ Imagino que seja o mesmo Lorena descrito no capítulo XXIII do livro “História de São Paulo”, de Afonso D’Escrognale Taunay como Bernardo José de Lorena, que assumiu o governo de São Paulo à 15 de julho de 1788, substituindo Gama Lobo. Segundo o autor, o rapazola de verdes anos” governou durante nove anos. p. 193.

¹⁷ Carta de José Augusto a Sérgio Buarque de Holanda, 16 de outubro de 1940.

¹⁸ MORAES, Rubens Borba de. Apresentação. In: DAVATZ, Thomas. Memórias de um colono no Brasil. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1941. p. 3.

Seguindo as cartas e ao considerarmos a trajetória de Yan de Almeida Prado, tudo leva a crer que foi em uma de suas viagens à Europa que o escritor, também colecionador de obras raras, pôde ter adquirido o original, que em seguida circulou entre os amigos modernistas, dentre os quais Mário de Andrade, como já demonstramos aqui. É o que revela a carta de Rubens Borba, enviada de São Paulo como resposta a Sérgio Buarque de Holanda, no dia 8 de dezembro de 1939. Dentre os assuntos tratados, um novo projeto editorial:

Vou amanhã falar com o Yan para ver se ele me empresta o Davatz para te mandar. Leia e mande me dizer se vale a pena V. traduzir e prefaciá-lo. O 1 número da minha coleção está no prelo e sahe com um atraso de 10 dias. Mas no dia 20 ou 26 está na rua. Em janeiro sahe o St. Hilaire. Se V. pudesse me aprontar o Davatz para fevereiro seria o ideal. É curtinho e fácil”¹⁹.

Seguidamente ao trabalho de tradução, Rubens Borba, apaixonado pelo tema da colonização sugere ao amigo prefaciá-la:

“Se você acha que seria útil fazer um prefácio-estudo sobre a questão eu te peço que faça. O que você acha? Seria talvez melhor. Eu sou tão apaixonado por essa questão do estudo da colonização, tenho estudado tanto esse problema que gostaria até de escrever um livro sobre o assunto. Mas eu tenho preguiça de escrever livros. Prefiro fazer livros. É mais divertido. Mas você porque não escreve (...)? Vamos, avante! Faça um prefácio para o Davatz com as diretrizes do futuro livro”²⁰.

Sobre o estudo de Sérgio Buarque de Holanda, que abre as Memórias a historiadora Ilka Cohen, estudiosa da imigração germânica no século XIX, afirma que o texto se tornou um marco na historiografia sobre a colonização paulista. Ali se desenvolveu pela primeira vez uma análise aprofundada da experiência da parceria, baseada no relato e nas memórias do colono suíço. Desse modo, foi como um documento sobre a colonização de São Paulo que esse depoimento se consagrou. Ao texto original, completa, Sérgio Buarque acrescentou um conjunto de fontes sobre o levante dos colonos, além de extensa bibliografia que se tornou base para uma série de outras pesquisas sobre a temática da emigração e do trabalho livre em São Paulo no

¹⁹ Carta de Rubens Borba de Moraes a Sérgio Buarque de Holanda. 8 de dezembro de 1939.

²⁰ Carta de RBM a SBH, 18 de maio de 1940. A mesma carta também foi utilizada no artigo de Ilka S. Cohen, bastante citado neste texto.

século XIX e a questão da parceria emancipou-se com tema. Ao que parece, mesmo sem intenção, “o brilho do prefaciador ofuscou o prefaciado”²¹.

Já a apresentação de Rubens Borba de Moraes à primeira edição da obra junta-se ao coro acusatório puxado por Mário de Andrade anos antes: “Não é somente a narração dramática da revolta desses pobres imigrantes contra um fazendeiro poderoso e respeitado que nos interessa como documento humano, mas sobretudo, o estudo das condições de trabalho na fazenda como documento de história econômico-social”²².

Nas cartas foi possível perceber também, a preocupação do remetente em relação aos outros livros que integravam a coleção. Em 24 de janeiro de 1940 Moraes escrevia: “Já vio o Rugendas? Os exemplares de luxo só ficam prontos no fim deste mês. Reservaremos um para V. Não sei o preço ainda. Porque V. não escreve um artigo em algum jornal sobre a coleção? Veja se me arranja aí um pouco de publicidade em torno dela. Bom, por hoje é só. Um abraço”²³.

Rubens Borba menciona também o lançamento da edição do Debret pelo amigo Martins, ao mesmo tempo em que justificava novamente o atraso do lançamento do Davatz que ficaria para o ano seguinte, o que de fato ocorreu:

“Sérgio, recebi sua carta, o livro e as lembranças! Muito obrigado. Estamos aqui em grande actividade com o Debret que deve sahir sem falta até o fim do mez. O Martins vae fazer um lançamento á americana...Investiu um capital enorme e agora não quer soltar mais livro nenhum tão cedo. Mas tudo depende da venda do Debret. Por causa desses negócios o Davatz vae ficar atrasado. Talvez não sahia este ano! Mau, mau...”²⁴.

Em outras correspondências a névoa quanto ao lançamento ou não da tradução de Davatz são mais evidentes, mesmo porque o livro já se encontrava praticamente pronto. Na sequência de epístolas iniciadas em agosto é possível acompanhar parte

²¹ COHEN, op.cit. p. 184-185. Na avaliação da autora, os estudos pioneiros sobre o sistema de parcerias são os de Emília Viotti da Costa Da monarquia à República: momentos decisivos de 1977 e o de José Sebastião Witter, Um estabelecimento agrícola da província de São Paulo nos meados do século XIX. Vale ressaltar ainda os trabalhos de Warren Dean, Rio Claro: um sistema brasileiro de grande lavoura, 1820-1920, também de 1977 e mais recentemente o trabalho de José Eduardo Heflinger Júnior, A revolta dos parceiros na Ibicaba, de 2009.

²² MORAES, Rubens Borba de. op.cit., . p. 3.

²³ Idem.

²⁴ Carta de RBM a SBH, 14 de ? de 1940. A carta é bem possível que tenha sido escrita no final do ano mencionado. No próprio catálogo do Arquivo Sérgio Buarque de Holanda ela encontra-se sem a especificação do mês, mas na sequência às demais citadas neste artigo.

desse impasse. No dia 30 Rubens Borba lembrava ao amigo: “Sérgio, recebi sua carta. Não há dúvida: publique o seu prefácio no Davatz. Até é bom, faz propaganda do livro que por sinal não sairá este ano”. Em 7 de novembro, novamente a esperança de que a obra sairia no ano corrente foi renovada, haja vista “as provas já estarem prontas”: “O Davatz está nas provas. Sairá em dezembro na certa. Eu não creio necessário mandar as provas a V., não? Se achar que sim, avize”²⁵.

Por fim em primeiro de dezembro Rubens Borba cobrava certa urgência quanto à disposição das notas no livro feitas por Sérgio Buarque, isso porque que o volume já estava sendo impresso: “Quanto as suas notas do Davatz não sei se dará tempo. O volume está sendo impresso, já conseguimos as últimas provas. Em todo o caso mande com urgência, indicando o lugar exacto que eu vou ver se dou um jeito. Mas mande com urgência”²⁶. O fim é conhecido, o livro sairia apenas no ano seguinte.

²⁵ Carta de RBM a SBH, 7 de novembro de 1940.

²⁶ Carta de RBM a SBH, 1 de dezembro de 1940.